



Quinzenário humorístico e literário

Propriedade da Empresa do PARDAL

Director e editor: Luis Teixeira Jacinto — Administrador: António Dantas

Redacção: Campo da Misericórdia, 13
Administração: Rua de Paio Galvão, 70



Composto e impresso nas oficinas da
Tipografia Minerva Vimaranesse

Guimarães, 2 de Julho de 1916

Sacrifício

Depois de quinze dias de fadigas e cansaço volta de novo á lide, saudando-vos leitores amigos e pedindo mil desculpas de não vos ter avisado.

Não foi a falta de saúde que o impediu de fazer a visita do costume, mas outrossim foram os motivos. — O encarecimento das substâncias, etc.

— O **Pardal** como todos os outros passarinhos, ou passarões, até mesmo os pássaros bisnaus, necessita de milho, sem o qual bate o canelo. Ora a falta dêste, obrigou-nos a ter de o ir procurar por todos os lados, e nestas circunstâncias, andamos de casa de Pilatos para casa de Caifaz, até que voltamos com tanta falta dêle, como tínhamos saído, mas crentes que alguma alma penada se condôa da nossa triste situação repartindo algum conosco.

Aqui fazemos esta chora-

deira, para ver se conseguimos levar esta pesada cruz ao calvário—o que equivale a dizer—que se alguém não vier em nosso socorro, temos que encommendar um fato ao carpinteiro e ir pedir ao sineiro de S. Pedro que nos vá tocando a agonia, pois nós para esticar já pouco nos falta.

Em tempos tivemos uns amigos que ainda nos auxiliaram, porém, não sei que malhes fizemos, que estão na expectativa de assim que nos encontrar à porta, manhã cedo, nos enviar, ou de presente ao diabo, ou de novo enclausurado na gaiola e enviado ao sítio da partida.

Nestas circunstâncias, meus ricos, não temos remédio senão morrer á mingua de... V. Ex.^{as} já calculam.

Nós já fizemos um sacrifício, e não foi pequeno; agora, resta que os leitores façam também o seu, que nós prometemos que jámais deixarão de nos ouvir piar pelas 5 da manhã debaixo da porta da

vossa casa. Creiam que isto agora, de quinze em quinze dias, vai fiar mais fino. Oh! se vai... E não se esqueçam do nosso pedido... visto que já muito andamos nós...

Pardal.



O Pardal na depenicadela

De quinze em quinze dias

Devido á grande carestia da vida e á falta de subsistências, pois está tudo pela hora da morte, louvado Deus, fomos obrigados a reduzir a nossa ração, pois agora só alguma coisa depenicamos lá de quinze em quinze dias.

Sabe Deus o que nos custou a passar êste tempinho sem depenicarmos nada... E que sede pai da vida...

Nós depenicamos, é certo, pouquinho de cada vez, mas desejaríamos ter o bico mais forte e mais poderosas garras, como a aguia por exemplo, para depenicarmos á farta e sem receio.

Queríamos ter vôo largo e li-

vre, para podermos subir muito alto...

Vascolhar nas podridões, rasgar mascarar hipócritas, desfacelar vestes apuradas de gordos parasitas, marcar todos os maus patriotas, e pôr a nu todos os vaidosos, seria êsse o nosso desejo pois assim encheríamos o papo e piaríamos de contente.

Mas não podemos. Somos fraco e pequenino. Bicamos a o acaso, muito de leve, e arrastar não podemos. Ai que se pudessemos!...

Todos desejam ser aquilo que não são. Paciência.

Somos *Pardal*, um simples *Pardal* inofensivo. Depenicamos, mas não fazemos sangue, não deixamos marca.

Ódio não temos. Vinganças não exercemos. Nunca com os nossos trinos ofendemos ninguém. Nunca as nossas cantigas simples fizeram cótar ninguém.

Não somos mau, rancoroso, indecente. Mas seremos sempre justo, imparcial franco.

A censura já nos cortou uma pena. Ficou marca que nunca mais sarará. E fez falta, porque voar alto já não podemos.

Nem um simples *Pardal* pode ser livre!... Ah! se fossemos águia, a estas horas estavamos sem vida...

Antes pequenino, modesto e bom.

Agora, *vocelências*, só de 15 em 15 é que tarão a dita de conversar cá c'o *Pardal*.

O sr. Felix censurou o facto de não se encontrarem representados no entérro do revolucionário civil Manoel Jorge, os principais vultos da República.

Como se tratava dos grandes vultos, o braço direito do sr. Afonso Costa, o sr. Rodrigo R. veio à estacada imediatamente, dizendo que sua ex.^a o sr. Afonso C. não pudera comparecer por estar naquela ocasião tratando dos interesses da Pátria.

Estava naquela ocasião a trocar

as últimas palavras com o seu chefe Almeida sôbre o grande empréstimo.

Estava efectivamente tratando... dos interesses da Pátria.

E tanto assim, que nesse mesmo dia partiu sua ex.^a com o sr. A. Soares para Londres. E foram em comboio especial...

E ainda dizem que não.

O pobre Camões... não pega no povo.

Os radicais enfarpelaram-no, ao ruivo genial, de verde e vermelho, assim como os talassas se apropriaram do *Nun'Alvares* e o entrajaram de azul e branco.

Ainda uns e outros, radicais e talassas, acabarão por fazer que o povo se enfade dos dois grandes mortos.

E' uma verdade. Tem muita razão o sr. Alpoim.

Já não podem venerar só os chefes: o Afonso e o Couceiro.

Até os mortos querem profanar.

Os partam raios!!

São proibidas a exportação e a reexportação para o estrangeiro de ferraduras e cravos.

Proibiram e muito bem, pois esses objectos de luxo fazem cá muita falta.

A falta dêsses objectos já se sentia, pois andava por ai muita besta desferrada.

Os telogios adiantaram-se uma hora.

Achamos divertido e económico.

Se até a data ninguém sabia a quantos andava, agora vão principiar a andar todos às aranhas.

Que dirá a isto o *Nónes dos fusos*?

«A Ideia» de Fafe trancreveu do nosso colega «Ecos de Guimarães» um artigo ao qual a censura apenas tinha cortado 4 ou 5 linhas.

Ora o illustre censor Fafense, que tinha mais ideia do que o nosso, vai à «Ideia» e corta-lhe a ideia toda, isto é: não publicou debaixo da ideia do censor uma só linha...

Isto como cada cabeça tem sua ideia, quer-nos parecer que tudo isto é idiotice.



Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e paulteta: para instrumentos também de peles e ferrinhos: para dar a afinação precisa o cantador ou cantadeira tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vai a festa... Clave de sol: tom menor...)

XLV

Eu já vi sol e chover,
E no mar fazer escuro,
Desapattar o bem q'rer
Donde estava bem seguro.

XLVI

Adeus casas de meu pai,
Adeus postigos, janelas,
Adeus fatias de broa
Que se via o sol por elas.

XLVII

Eu sou sol, e tu és sombra,
Qual de nós é mais 'stimado,
Se o sol d'inverno é mimo,
Sombra de v'rão é regalo.

XLVIII

A' minha porta faz sol,
A' tua agora faz sombra,
Lá por eu ser pequenino
Você comigo não zomba.

A. Pmes.

Gazetilha

Indo, um sujeito falar, ante-ontem, co'o Maldonado, pois que tinha que lhe dar, com certa urgência, um recado,

diz-lhe a criada:—O patrão não pode falar-lhe agora, porque é esta a ocasião d'êlê bater na senhora.

—E se eu à noite vier?
—Também não atranja nada, que é a hora d'êlê bater na sogra e mais na cunhada.

—Virei de manhã, então, mas mais cedo um pouquinho.
—A essa hora *tamem* não... está a bater no sobrinho.

—Mas, então, não me dirá que hora livre é que êle tem?
—Tem do meio dia à uma, que é a hora a que êle costuma bater nalgum que cá vem.

De o *Jornal de Noticias*.



Mário Cardoso

Retira hoje para a capital e daí deve brevemente partir para a Africa, onde vai desempenhar uma nova comissão de serviço, o nosso simpático patricio e querido amigo tenente Mário Cardoso, rapaz muito estimado no nosso meio, pela educação e fino trato com que a todos trata.

Ao Mário Cardoso, com um bom abraço, os nossos votos para que seja felicissimo.



Quadras Populares

Imitação

Quando a vinte sete agosto,
O Machado ouviu dar fogo,
A gritar por monarquia,
Deu às de Vila Diogo.

ALFA.

O Pardal no Museu

Para admirar pelos forasteiros

—O *sucesso* do Moleiro de Alcalá.

—A *arte* no Alfredo Pereira.

—O *côro* dos Aguasis.

—As *lágrimas* do Eduardo na despedida da companhia.

—As *saudades* do dito, pela dita.

—A *madureza* de certos gajos, de não adeantarem 60 minutos o roscofe.

—A *estupidez* mercieiral em quererem fechar às 21.

«*N. R.*—Se o avanço é para poupar carvão etc.... De que servitua o augmento dos 60 minutos se toda a gente passasse a fechar e sair dos estabelecimentos mais tarde uma hora... Ora bolas para tal patriotismo.»

—Certos empregados a serem presos em casa depois das 20...

—O *nariz* do Mesquita no Moleiro.

—O *monóculo* do José Cardoso.

—A *inteligência* do Calixto.

—O *milho* do celeiro.

—Os 250 *carros* do dito para o consumo da cidade.

—O *celeiro* do feijão no Passeio da Independência.

—O *açambarcamento* do mesmo.

—A *falta* de pão nas padarias.

—O *revolver* do Viana.

—A *Kermesse* dos Guizes.

—A *força* do Zé de Abreu.

—Os *chapeus* da Casa-High-Life.

—Os *salpicões* da casa Neves.

—A *bravura* do Eduardo Costa.

—A *paciencia* com que o Costa Rainha apanhou na cara.

—A *garratada* no dia 16.

—A *regencia* do bombo na musica do 20.



Anunciam-se grátis todas as publicações literárias, mediante a permuta dum exemplar.

Correspondência

← CAIXA →

Passarito—Guimarães—O' camarada você está a pedir palmatória, como quem pede ginjas. Se o menino andasse no João de Deus ainda se admitia, agora no liceu e assim a dar calinadas... oh! pai! que grande palmatoadada nessas unhas... ora vá analisando.

«...E' verdadeiramente a mais graciosa criatura que os poetas teem cantado.»

Agora desça...

«...Tem apenas quinze anos.»

Rua! com quinze anos e já cantada por poetas... *épicos* ou *ipicos*. Olha lá esse candieiro!

Mais abaixo...

«Começa a conquista com os olhos e acaba-a com o sorriso.»

Oh! rico filho! isso até faz lembrar aquela «O amor é uma cubiça, entra pelos olhos...» e o resto o ilustre passarito já conhece.

Outro officio, que para êste não presta.

Cantadeiro—Guimarães—O soneto foi para o cesto da papelada reles. Ignoro o que quer dizer, não tem sentido. Apenas rima mas coxinho que é um luxo. Os ditos e pensamentos só o ilustre os conhece.

As quadras aproveitam-se duas; tudo o resto não vale um morango. Tô rola... êle é o vales!...

Rigolot—Pico—Você é impagável... na asneira. Confesso que ia rebentando os suspensórios. Ah! camaradinha que carga de sinapismos você precisava seu rigolot sem graça.

Foguete—Pôrto—Olhe lá ó velho! quem precisava de ser foguetado é o amigo. O amigo a saltaricar dum lado para outro, parece mais uma bichinha de rabiar do que foguete. Tira para lá o estoiro alma do diabo.



O Pardal para Mademoiselles

Na tristeza tam doce e na melancolia
Do seu olhar bendito e que me envia a luz,
Eu descobri a dor amarga de Maria
Quando, dorida, viu crucificar Jesus!

NOVAIS TEIXEIRA.

O amor atraído é sonho
amaldiçoado.

Os prazeres são flores semea-
das entre os espinhos da vida.

A verdadeira amizade desculpa
a traição.

A sinceridade é a base do amor.

O amor que nasce espontanea-
mente no coração desaparece com
a morte.

A verdadeira felicidade não
existe.

Quantas vezes o sorriso é o
rotulo falso do amor.

Amizade acabada, é rosa desfo-
lhada.

O ciume destroi para sempre o
futuro dum coração e toda a felici-
dade.

Amizade é uma flor cujo perfu-
me é a saudade.

O amor sincero quando desilu-
dido só tem uma esperança a de
morrer.

O amor é como o vapor, quan-
to mais se comprime mais força
tem.

O Pardal em ceara alheia

Graça doutros

(imitações do espanhol)

VII

O homem da Lina Abreu,
Está já bem colocado ;
Para tal não concorreu
Por não mover-se, coitado.
...Ela sim que se moveu...

Pôrto.

EDURISA.

Muito sofre quem ama...

E' triste e bem duro o meu
penar e imensa a dor que me vai
na alma!

Com o coração trespassado de
eterna saudade e o pensamento
embebido em ilusões efémeras,
assim passo os dias desta alegre e
risonha quadra do ano, sem um
único sorriso nos lábios que me
venha suavisar as máguas d'este
atroz sofrimento.

Oh! nunca o teu olhar tam fais-
cante irradiasse uma centelha de
luz, para abrit vergontes no
meu coração, desconhecedor ain-
da dos martirios causados por
um amor ardente!

Nunca um sorriso teu viesse
suplantar em meu peito a enorme
paixão que num excesso de arre-
batamento me arrastou ao abis-
mo degradante da desventura!

Nunca tua imagem insinuante
e virginal se deparasse ante meus
olhos, ainda bem longe de supo-
rem que um dia viriam a verter
lágrimas de dor e sentimento.

Como eu viveria então alegre,
estreitando em meus braços, hoje
cançados e sem alento, a *Felicida-
de e Ventura!*

Como seria fagueira e risonha
a minha vida, sem este insondá-
vel horizonte de martirios, que a
passos agigantados me vai deixan-

do inerte, examine e sem fôrças,
para já agora subir ao meu calvá-
rio com esta cruz de suplicios e
amarguras!

Para mim nem tardes ridentes
de Primavera, nem manhãs delei-
tosas de verão, nem lindas noites
de luar, serão capazes de me fa-
zer brotar na alma um raio de
alegria!

Quando te vejo cheia de encan-
tos que seduzem, num andar ter-
no e languido, atravessar as ruas
da cidadé, no meu coração rege-
lado, faisca ainda um raio de es-
perança, mas que rapidamente se
dissipa no meio dum enorme la-
birinto de ilusões!

Como é doloroso este meu vi-
ver coberto de amarguras!

Como é enorme a tristeza que
me invade a alma já desfazelada
pelos excessos do amor!

Muito sofre quem ama!...

Guimarães, Junho de 1916.

PARAÍSO.

O Pardal na galeria

VÁRIAS

No domingo, 16 de Julho, rea-
lizar-se-há no redondel da Quintã,
uma soberba garralada, promovi-
da pelo nosso amigo Domingos
Freiria.

Ah! rapazes... cebo... cebo
nos butes... Olhem que eles
teem chifres...

Dia 9 também se realizará nas
Caldas das Taipas um torneio de
tiro aos pombos.

S. Torcato

Como nos anos anteriores, rea-
liza-se hoje esta popular romaria
onde não faltará a grandiosa pro-
cissão com côtos de virgens e o
popular arraial onde se farão ou-
vir excelentes bandas de música.

A' festa rapaziada.

O Pardal no dicionário

Cinta—Parte do corpo, onde, devido à moça, não se pode fixar situação certa nas mulheres.

Clássico— Adjectivo, que muda de sítio de cem em cem anos.

Clemência—Nome de mulher, mas que passa a *Bárbara* quando se torna sogra.

Cobrir—O que o diabo faz com a irmã da canhota.

Cócegos—Sensações que a gente sente quando nos tocam em certas partes do corpo.

Cocheiro—Homem baixo, erguido em assento elevado: não é preciso mais...

Coerência—Coisa, que nem sempre se acha nos autores.

Colérico—Levado da breca, menino capaz de engulir uma espada.

Colégio—Instituição onde tudo se aprende, menos o que se lhe pretender ensinar.

Começar—O verbo mais difícil que existe.

Comer—O que toda a gente sabe, quer duma forma quer doutra.

Cometa—Lugar onde muita gente mete o nariz.

Comichão—Cantiga que nos faz passar o tempo a tocar viola.

Comenda—Fructa como a avelã, que dá muito óleo, porém a mór parte delas não tem nada dentro.

Comerciante—Um *ralo*—adiante.

Comunidade—Certo número de pessoas, que se juntam sem se conhecerem, vivem sem se amarem e morrem sem se condoerem.

Comprar—Sempre é fazer favor ao vendedor.

DR. XABREGAS.



O *Pardal* tem o prazer
De apresentar, ao leitor,
Dos jornais e mais folhinhas
Um seu tesinho censor.

Tem um lapis e uma espada.
Esta repouza, coitada,
No soalho lá da casa
Ou para um canto tombada.

Mas o lapis, esse, então,
De tam bem aguçadinho
Há de riscar nos jornais
Que teem à frente *pardais*
Assim como o *Machadinho*.

Além de ser um censor
Este illustre capitão

Tem sangue azul... e vermelho...
—Sangue de *masturação*...

Grande amigo das crianças.
Da *Cautina* um fundador.
Jornalista destemido:
Tem de ser, pois, escriptor.

(Eles são tantos, são tantos!
São aos milhões pelos cantos!)

Mas seja lá o que fôr.
O nosso illustre censor
Tem bastante simpatia.
Viva a instituição
Vigente cá da nação!!!

Oscar Diniz.

Pensamentos, máximas e ditos, dum tólo

(Dum livro que jámais hade sair).

Se quizeres vêr uma mulher a mentir, pergunta-lhe quantos anos tem.

A Honestidade é uma senhora que não fala com toda a gente.

Os suspiros são os soluços do amôr.

O ciúme nas mulheres é um processo de fazer fitas.

A mulher é a personificação da Curiosidade.

Se quizeres vêr uma mulher a arrebrantar, tapa-lhe a bôca com uma rôlha.

Se vires uma mulher a chorar, não lhe perguntes o que tem:—é o seu vestido que está fora da moda.

As mulheres só ouvem o que lhes convem, mas dizem sempre o que lhes apetece.

As beatas são o gramofone da vida alheia.

Uma mulher sem cabeça tem um dom sôbre todas as outras:— não gastar dinheiro em chapéus.

A maluquice é, para muita gentinha, um *modus vivendi*.

A moda é um quebra-cabeças para muito chefe de família.

O amor é um parafuso que depois de bem atarrachado nada há que o arronque.

Os coices são os agradecimentos de certos banaboias.

O teatro é o refúgio dos despregados.

Mais vale uma galinha no tacho do que duas na capoeira.

Há capachos com mais dignidade do que certas criaturas.

Há quem confunda a prudência com a cobardia.

A benzina é a deusa protectora das pessoas porcas.

Há quem julgue a Honradêz uma banalidade.

Pôrto.

(Continúa se o autor quizer).

EDURISA.



No dia 15 de Julho, completará 27 anos o nosso digno redactor sr. Luís Teixeira Jacinto. Sinceras felitações e longa vida lhe deseja todo o pessoal cá do *Pardal*.

Como neste dia se realizará um banquete em honra do nosso director, desde já ficam convidados pardalisticamente todos os pardais que cantam cá no nosso quinzenário.

Ouvir-se-há um sexteto, em cujo programma se executará o Hino Pardalesco.



O Pardal na secção de carapuças

Se a guerra aqui vier ter
O que não é brincadeira.
O povo vai-se meter
No nariz do sôr Pireira.

Cantadeiro.



Alberto Edmond da Silva

Mil felitações lhe envia, pelo seu aniversário desejando-lhe muitas felicidades,

Maria do Céu.

O Pardal lá por fora

Sou o Manecas Brasileiro,
E vim das Bandas di lá
Mandei fazer um morteiro
Como ainda cá não há...

—Os sôres mi desculpam, mas cá eu *cando* mi lembra qui toda a viagem toquei na minha armonia, mi dá logo vontade di cantá...

—Pode cantar à vontade, não nos incomoda; olhe, há ahi um rapazito moleiro, que tem um jumento que, quando êle quer, o jumento também faz ouvir a sua voz harmoniosa!...

—Já que os sôres me dão licença eu les farei ouvir umas modinhas Brasileiras que só si sabem cantá ondi canta o sabiá...

—!!! O sr. pelo que vejo já esteve no Brazil?

—Oh! sim! E qui terra! e qui país! qui quilima tão *armeno!*... O sôr sabe si eu não tivesse a minha fábrica aqui, há muito que istava das bandas di lá outra vez...

—Se não tivesse o quê? mas onde é a sua fábrica?

—Si o sôr mi não acredita, leia «*A Maria da Fontes*» di Lanhoso, e o sôr verá como si fala naquela gazeta a meu respeito, lá si diz que eu sou proprietário da mais importante fábrica do Pevidem.

—Ora você sempre me saiu um brasileiro, um caipora esbôdegado...

—Caipora sempre o fui
Caipora sempre heide ser
O Manecas sbodégado
Heide ser até morrer.

—Está bem, boa noite, até outra vez.

PARDALÃO.



Vendem-se, por preço módico, todos os clichês das caricaturas que se publicaram durante a 1.^a série.

O Pardal aos domingos

Desculpem-m'os leitores (se algum tenho)!
de não cumprir a minha obrigação,
mas é que o meu Peixoto, o herói que venho
pondo à moda da fífia ocasião,

virou-me do avesso nesta tarde
é impossibilitou-me de escrever;
ia na procissão fazendo alarde
de em si alguma fé também haver.

E como não podia ir calado
a uma vara do pálio agarrado
dizia ao companheiro sem abalo:

—Sou burro!... Não previ as novas horas!
De contrário, calçando-me de esporas
inda chegava à janta de cavalo!

TIRTEU.

O PARDAL NOS PENSAMENTOS E DITOS

Uma vez mais... Já estou des-
encravado...

E. Costa.

Tornei a encravar...

E. Costa.

O Pardal só serve para criticar.
Um sapateiro.

Não digas isso; assina-o se não
podes arranjar lenha para te quei-
mares.

Meiraes Ferreira.

Não é com essas meu menino.

L. Tropa.

Deixem essas coisas e digam se
esta bota não está Elegante.

C. Martins.

Em corrida de gericos sou eu
que ganho o primeiro prémio.

Malta.

Um talento como eu não canta
dois fados na revista.

Alfredo Pereira.

Muito tolo cria o pão de Deus.

Um autor encravado.

Se queres um bom chouriço,
um belo ananaz, bacalhau, açúcar,
arroz, vai à casa...

Neves.

Escusam de procurar chapéus
de senhora e criança noutra casa;
eu sirvo bem e por preços módicos.

Laura Vilaça.

Já desencravei.

E. Costa.

Eu bem sei que dou paulitadas,
mas é por causa da falta de en-
saaios.

A. Pereira.

Não caias p'ra cá que te aleijas.

O público pagante.

Depois eu é que tenho a culpa.

Maestro.

Dum lado está o ramo; noutro
vende-se o vinho.

José Roriz.

O PARDAL NO GARNET

Faleceu o sr. Avelino Ribeiro
de Faria, conhado dos srs. Joa-
quim Martins Guimarães, carto-
rário de S. Francisco e Luís Dias,
guarda-livros da Fábrica da Ave-
nida.

A' família dorida os nossos
sentimentos.

Foram nomeados sócios bene-
méritos da Oficina de S. José os
srs. D. José Ferrão e Padre Gas-
par Roriz.

O balancete mensal do estado
financeiro da Cantina Escolar Vi-
maranense, relativo a maio findo,
alinea f) do artigo 5.º dos estatutos,
acusa uma receita de 1.406,25,3
e uma despeza de 457,710. Saldo
que passa para o mez seguinte,
sendo 1.350,700 na Caixa Econó-
mica, 1.369,754,3.

Encontra-se completamente res-
tabelecido o sr. António Vieira
de Andrade.

Desde o dia 1 até ao dia 10
do corrente mês, está em recla-
mação a matriz da contribuição
industrial do corrente ano.

Com sua affectuosa esposa, filha
e cunhada, regressou de Calde-
las o estimado industrial, sr. João
Rodrigues Loureiro.

Com sua esposa e filha, encon-
tra-se no Gerez o sr. Alvaro Cos-
ta Guimarães.

Na paróquia de S. Pedro de
Azurem, realizou-se ultimamente
o consorcio da sr.ª D. Francina
de Queiroz Guimarães, filha da
sr.ª D. Delmina Augusta de Sou-
sa Queiroz, nossa conterrânea,
com o sr. José Bernardo Forte
Côrte Real, aluno da Escola de
Guerra.

O PARDAL NA SECÇÃO LITERARIA

Não há bela...

(ao Luis Jacinto)

Nascemos em Abril, ó minha amada!
Ambos no mesmo mês e mesmo dia...
Corria a Primavera... e a alegria
Renascia da terra abençoada.

Fêz-nos Deus tam iguais que se diria,
E com razão, ser obra encomendada;
Fadou-nos, por acaso, a mesma fada:
Santa Maria—a Mãe Idolatrada!

Juntou-nos o destino eternamente...
Que as tintas do amor e da paixão
Fêz-nos iguais em alma e coração.

Uma cousa difere, (uma sómente!...)
Ao lado dos meus peitos encovados
Erguem-se os teus altivos e eivados!

Porto, Abril de 1916.

NOVAIS TEIXEIRA.



Lágrimas

Lágrimas fúteis, lágrimas de oriança,
lágrimas nuas, lágrimas de riso,
lágrimas que nos veem do paraiso
ou lágrimas que Deus sôbre os Seus lança.

Depois, lágrima crua já vertida
sôbre as lágrimas fáceis da esperança
e a lágrima de dôr que nos alcança
quando queremos vêr onde está a vida.

Mais! Lágrimas ao luar tam indeciso
sôbre as faces da imagem que eu diviso,
—lágrimas de paixão, choros sem côr!—

E ainda há mais, mas destas que provei
as mais melifluas lágrimas que achei
foram estas, as lágrimas de amor!

Junho de 1916.

R. E.

Saudades

I

D. Maria do Céu Teixeira.

Quis Deus fazê-la à doce semelhança
De Sua Santa Mãe, e quem diria
Que sendo cá da terra ela seria
Também Virgem do Céu;
E mesmo que teria

Toda a bondade, o manto e a bonança,
Todo o amor e o nome de Maria.

—Bendito seja sempre o nome seu!...

Deu-lhe também assim como à Senhora
Um olhar terno, brando e magoado,
Celeste, divinal e aveludado,

Olhar encantador!...

Triste e Santificado

Com essa luz mimosa e redentora
Que deixa um santo bem enamorado,
Que vos lança o mistério do amor.

E como a Virgem tem lá na alturas
O cortejo, tam lindo, dos anjinhos
Branco, suaves, meigos, pequeninhos

Suaves como as flores

E como os passarinhos;

Ela tem, nesta vida d'amarguras
Sempre a seguir-lhe os passos miudinhos,
O cortejo dos seus conquistadores!

Pôrto, Junho de 1916.

CAVALEIRO DO AMOR.